

---

## **Manifestações contra o machismo e a LGBTfobia no futebol mineiro: uma análise de Grupa Galo e Marias de Minas<sup>12</sup>**

Rafaela Cristina de SOUZA<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### **RESUMO**

Este trabalho tem como principal objetivo investigar a atuação de coletivos de torcedores contemporâneos que lutam contra o machismo e a LGBTfobia. Para tanto, analisamos a produção discursiva de Grupa Galo e Marias de Minas a partir de um recorte do Circuito do Protesto proposto por Cammaerts (2018). Como principais resultados, destacamos que os dois coletivos propõem uma série de ações de enfrentamento ao machismo e à LGBTfobia no futebol e constroem uma identidade coletiva que reivindica o espaço de mulheres e de pessoas LGBTQIAPN+ dentro do esporte.

**PALAVRAS-CHAVE:** culturas torcedoras; gênero; sexualidade; futebol mineiro.

### **Introdução**

Nos últimos anos, diferentes pesquisas têm observado o surgimento de novos movimentos de torcedores e de coletivos contrários ao machismo e à LGBTfobia no futebol (Bandeira; Seffner, 2013; Pinto, 2017; Anjos, 2018; Vimieiro, 2022), especialmente a partir de 2013<sup>4</sup>, em um contexto de emergência de diversos movimentos políticos e de reivindicação do espaço do futebol como um lugar em que outros sujeitos que não são homens cisheterossexuais também podem ocupar. A efervescência de torcidas LGTBQIAPN+, por exemplo, traz uma desconstrução dos “estigmas e preconceitos em relação aos homossexuais na sociedade brasileira, dentre eles o de que gays não gostam, nem se interessam pelas práticas relacionadas ao futebol” (Pinto, 2017, p. 114).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas (Coletivo Marta). Jornalista. E-mail: souzacrfaela@gmail.com.

<sup>4</sup> É importante ressaltar que já existiam torcidas gays desde o final da década de 1970. Anjos (2018) identifica 22 torcidas de 19 clubes diferentes nessa época, demonstrando que o surgimento da Coligay não foi um fato isolado. No entanto, destacamos o ano de 2013 como um novo cenário de efervescência de tais movimentos porque é nesse contexto que passam a surgir novos movimentos de torcedores contrários ao machismo e a LGBTfobia (Pinto, 2017).

---

Como aponta Butler, a matriz binarista do “sexo” pressupõe uma norma que regula e controla os corpos de todos os sujeitos, ou seja, ele é “um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas” (2018, p. 194). Dessa forma, entendemos que no futebol essa imposição também perpassa o torcer já que, historicamente, esse é um espaço em que os corpos “aceitos” são os de homens cisheterossexuais e, mesmo que hoje a presença de mulheres seja maior, “o ambiente dos estádios de futebol coloca muito mais valores do gênero masculino em disputa do que os do gênero feminino” (Bandeira; Seffner, 2013, p. 247). Isso fica ainda mais evidente quando pensamos nos cânticos entoados pelas torcidas e na forma de ridicularizar os rivais que, muitas vezes, perpassa o uso de nomes machistas, misóginos e/ou que fazem alusão à homossexualidade de forma depreciativa, como “Maria”, “bambi”, por exemplo.

Diante disso, este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como principal objetivo analisar a atuação de movimentos de torcedores contrários a questões como machismo, racismo e LGBTfobia no futebol. Assim, como recorte para este trabalho, investigamos a atuação de dois coletivos de torcedores do futebol mineiro: a Grupa, do Atlético, e a Marias de Minas, do Cruzeiro.

### **Metodologia**

Para alcançar esse objetivo, utilizamos como desenho teórico-metodológico o Circuito do Protesto (Cammaerts, 2018), que busca dar sentido às diversas maneiras pelas quais a mídia e a comunicação facilitam ou mediam o ativismo de movimentos sociais e as mudanças sociais que esses movimentos pretendem alcançar. O modelo proposto pelo autor perpassa quatro dimensões que dialogam com a nossa perspectiva relacional da comunicação: 1) a produção de discursos do movimento e a construção de uma identidade coletiva; 2) as práticas comunicativas internas e externas que são encenadas pelo movimento; 3) as representações do movimento na mídia; e 4) a recepção do movimento e do discurso da mídia por cidadãos não ativistas.

Neste trabalho, nosso foco será a dimensão de produção de discursos de tais movimentos e a construção de uma identidade coletiva, a fim de compreender o que esses coletivos questionam, quais ações eles propõem para resolver as lutas evidenciadas e como eles constroem e representam uma identidade coletiva. De modo

---

geral, Cammaerts utiliza a teoria do enquadramento em conjunto com o conceito de discurso foucaultiano. Segundo ele, a teoria do enquadramento ajuda a identificar as razões para as lutas dos movimentos sociais e aponta como essas lutas devem ser conduzidas e como eles comunicam os seus objetivos e mobilizam a sociedade em torno dessas reivindicações (Cammaerts, 2018). Já a noção de discurso, segundo Foucault (2008), deve ser compreendida como um conjunto de enunciados que se formam ao longo do tempo e que são reiteradas e acumuladas a partir de inúmeras relações e interações estabelecidas entre os sujeitos o que, portanto, demarca o discurso como um lugar em constante disputa.

Cammaerts defende o uso dos dois conceitos porque a construção da identidade coletiva dos movimentos sociais é um “processo aberto, dinâmico, contestado”, tal como o próprio discurso (2018, p. 44). Portanto, através dessa concepção, o autor aponta três quadros que se apresentam como dispositivos discursivos que nos ajudam a compreender como os movimentos anti-austeridade analisados por ele fortalecem uma identidade coletiva, ao mesmo tempo em que demarcam um “inimigo ideológico comum”: 1) quadros diagnóstico, que apontam o que o movimento questiona e quais problemas ele evidencia; 2) quadros prognósticos, em que o movimento evidencia como os problemas diagnosticados podem ser resolvidos; 3) quadros motivacionais que apresenta a identidade coletiva construída e representada pelo movimento e como ela é utilizada para mobilizar as pessoas na luta contra os problemas identificados nos outros quadros. Por fim, Cammaerts também aponta que há uma espécie de articulação entre esses três quadros que tem como objetivo “alargar o âmbito do conflito, para construir cadeias de equivalência entre várias lutas” (2018, p. 61, tradução nossa).

Assim, selecionamos dois manifestos publicados por Marias de Minas e Grupa Galo para entender, a partir desses enquadramentos, como os dois coletivos lutam contra a opressão no futebol mineiro. No caso da Marias de Minas, analisamos um documento com propostas de combate à LGBTfobia no futebol mineiro encaminhado para todos os times do Módulo I do Campeonato Mineiro 2020, além de outras entidades como a FMF (Federação Mineira de Futebol), OAB/MG (Ordem dos Advogados do Brasil, Estádio Mineirão e Arena Independência. O documento foi disponibilizado na íntegra no Instagram do coletivo<sup>5</sup>. Já no caso da Grupa, selecionamos

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBMLtEKJcNo/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

uma carta aberta direcionada ao Atlético que foi publicada no site do coletivo em 2021<sup>6</sup> e apresentada ao presidente do clube, Sérgio Coelho. A escolha dos dois documentos é um recorte de uma análise mais aprofundada, em andamento, dos posts publicados no Instagram dos dois coletivos. Em junho de 2024, realizamos uma coleta através da plataforma *PhantomBuster*, que permite a extração de postagens realizadas por perfis selecionados na mídia social. A partir dessa coleta, identificamos os dois manifestos como objetos que nos ajudam a ter uma aproximação das lutas dos dois coletivos a partir dos quadros de análise de produção de discursos propostos por Cammaerts.

### **Análise**

Diante dos objetivos apresentados anteriormente, trazemos uma breve exposição dos resultados encontrados na análise das cartas selecionadas. No quadro de diagnóstico que, segundo Cammaerts (2018), evidencia o que o movimento é e o que ele questiona, o documento da Marias de Minas demonstra que o coletivo luta pela inclusão e respeito à comunidade LGBTQIAPN+ no futebol, destacando que o futebol é um “esporte predominantemente masculino e tende a reprimir qualquer comportamento que se afaste da masculinidade e se aproxime do feminino”. Já a Grupa se define como um coletivo feminista de torcedoras do Atlético e expõe uma série de episódios de discriminação cometidos pela torcida do clube alvinegro para evidenciar uma luta contra o machismo, o racismo e a LGBTfobia.

No caso dos quadros prognósticos, o autor aponta que os movimentos “articulam uma visão alternativa e defendem uma agenda de agência para superar os problemas identificados pelos quadros diagnósticos” (Cammaerts, 2018, p. 55, tradução nossa). Os dois coletivos fazem isso de forma semelhante, apontando ações práticas de combate às diferentes formas de opressão pelas quais eles lutam contra. No caso da Maria de Minas, o documento analisado expõe a Recomendação 01/2019 do Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) para que casos de manifestações preconceituosas como a LGBTfobia sejam relatados em súmula e traz uma série de ações punitivas e educativas para combater a LGBTfobia no futebol, como orientação aos árbitros,

---

<sup>6</sup> O site da Grupa se encontra fora do ar. No entanto, a análise da carta foi feita a partir do Internet Archive, que permite a recuperação de páginas que já foram deletadas. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210508143202/https://grupa.com.br/carta-aberta-a-diretoria-do-galo/>. Acesso em 27 jun. 2024.

---

campanhas nos estádios e o desenvolvimento de um aplicativo para denúncias de casos de discriminação. Da mesma forma, a Grupa propõe ações concretas para o “enfrentamento do machismo e de todas as formas de discriminação às minorias, notadamente, aquelas relacionadas à cultura do futebol”.

Na sequência, Cammaerts aponta que os quadros motivacionais estão ligados a essa dimensão de atuação política, mas que, nesse tipo de enquadramento dos discursos, os movimentos buscam “mobilizar, aumentar o apoio ao movimento e ativar as pessoas” (2018, p. 58, tradução nossa) a partir, principalmente, da construção e representação de uma “identidade coletiva” e de um “nós” contra “eles”. Nesse caso, podemos destacar a definição de cada coletivo que evidenciamos no quadro diagnóstico. Portanto, o “nós” está ligado ao pertencimento clubístico com os respectivos times e o “eles” seria justamente as formas de opressão que ambos evidenciam nos documentos analisados. No caso da Marias de Minas, percebemos que todo o discurso é construído a partir da luta contra a LGBTfobia no futebol, demonstrando que essa opressão seria o inimigo a ser combatido. Já a Grupa Galo, apesar de se posicionar como um coletivo feminista formado por mulheres, traz uma dimensão maior de atuação, tanto ao evidenciar casos não só de machismo, mas também de racismo e de LGBTfobia envolvendo a torcida e próprio clube, mas também ao se posicionar como um coletivo que busca “contribuir na construção de um Atlético cada vez mais democrático, inclusivo e popular”.

De acordo com Cammaerts, essa estratégia adotada pelo movimento de incluir outras lutas relacionadas para além daquelas que ele se propõe a lutar seria uma forma de “alargar” a atuação e fazer com que os discursos alcancem mais pessoas para além daquelas que têm um posicionamento semelhante. Aqui, podemos citar tanto a forma com que a Grupa se coloca como um movimento que luta contra diferentes formas de opressão, quanto também a articulação com o próprio clube ao propor as ações citadas anteriormente. Além disso, a Grupa aparece como uma das colaboradoras do documento da Marias de Minas, o que sugere uma atuação em conjunto por um futebol mineiro mais inclusivo. Ainda no caso da carta do coletivo cruzeirense, esse movimento para uma atuação conjunta perpassa não só o diálogo com o Cruzeiro, mas também com outras torcidas e times de futebol LGBTQIAPN+ e entidades responsáveis pelo futebol em Minas Gerais, como a FMF (Federação Mineira de Futebol), o Tribunal de Justiça Desportiva de Minas Gerais (TJD-MG) e Atlético e América.

---

## Conclusões iniciais

Apesar de ser um recorte limitado, consideramos que a análise dos dois documentos apresentados por Marias de Minas e Grupa Galo trazem importantes reflexões sobre a atuação de movimentos contrários ao machismo e a LGBTfobia no futebol mineiro. De modo geral, o uso da metodologia proposta por Cammaerts (2018) nos permitiu perceber que os dois coletivos buscam questionar o machismo e a LGBTfobia ainda presentes no esporte a partir da reafirmação de uma identidade coletiva e da construção de discursos que evidenciam tais problemas, trazendo uma dimensão prática para o enfrentamento destes, através de medidas e ações propostas aos clubes e outras entidades responsáveis pelo futebol.

Dessa forma, através da atuação nas mídias sociais e da busca por um diálogo que vai além do seu próprio público — mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ —, entendemos que Marias de Minas e Grupa Galo reivindicam o direito de torcer e propõem transformações nas lógicas excludentes do esporte, demonstrando que esse não é um espaço “só para macho”.

## Referências

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “são bichas mas são nossas” à diversidade da alegria: uma história da torcida Coligay**. 2018. Doutorado – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CAMMAERTS, Bart. **The Circulation of Anti-Austerity Protest**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 191 - 219.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. **Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo**. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

VIMIEIRO, Ana Carolina. **The Ecosystem of Football Supporter Groups in Brazil: Traditions, Innovation and Hybridity**. In: Danielle Sarver Coombs; Anne C. Osborne. (Org.). **Routledge Handbook of Sport Fans and Fandom**. 1ed. London: Routledge, 2022, v. 1, p. 225-237.